

## TRADUÇÃO MATUTA CEARENSE DE *DYSKOLOS*, *O ENFEZADO*, DE MENANDRO

Ana Maria César POMPEU (UFC)  
Bárbara Araújo dos SANTOS (UFC)

**RESUMO:** *Dyscolos* de Menandro é a única peça completa que nos chegou da comédia nova grega, obteve o primeiro prêmio no concurso das Leneias de 317/316 a.C. Na Néa ou comédia nova desaparecem algumas características primordiais da comédia antiga: o coro não é mais uma personagem, só apresenta danças e canta nos entreatos; a sátira política é substituída por uma crítica social mais indireta, porém mais profunda, no que diz respeito às diferenças de classe; e o obsceno, que se fazia muito presente na comédia antiga e nos demais rituais de fertilidade, é dissimulado pelo aparecimento do amor romântico. Tal comédia parece mais próxima do teatro de Eurípidés, o tragediógrafo das inovações, do que da comédia antiga de Aristófanes. Os comediógrafos romanos seguirão o estilo da Néa, a comédia nova. *Enfezado* é uma tradução possível para o título da peça, *Dyscolos*, que trata mesmo de um homem extremamente mal humorado. A comédia é ambientada no demos ou aldeia de Filo, nas proximidades de Atenas, na zona rural. A solução da intriga se dará pela intercessão de *Týkhe*, o Acaso, tão utilizada por Eurípidés em suas tragédias, substituindo as velhas Moiras, Destinos, de Ésquilo. O estudo e tradução literal da peça em análise, transformada depois em versões de diversos estilos, proporcionará uma maior compreensão da Comédia Nova e do contexto histórico que a originou, observando nela a continuidade e o rompimento com a Comédia Antiga, e a adoção de traços da Tragédia de Eurípidés. Nesta comunicação apresentaremos a tradução em estilo matuto cearense, em consonância com as personagens do campo da peça de Menandro. A tradução para o português da peça *Dyscolos* de Menandro, em diversos estilos: caipira, em prosa, com rima, em versos brancos, entre outros, proporciona maior familiaridade com os aspectos linguísticos e culturais do texto original grego. A tradução é uma leitura mais aprofundada de um texto, e várias traduções em diversos estilos corresponderá a leituras mais eficazes para maior familiaridade com a língua e a cultura da Grécia antiga. Apresentamos parte da tradução literal erudita feita por um integrante do Grupo de Estudos da Comédia Nova ou Néa – GENEÁ, e a tradução matuta cearense do mesmo trecho feita pela bolsista PIBIC - CNPq, para comparação do entendimento da peça. Deixamos algumas palavras sem alteração, para que se façam entender melhor, já que não há mais matuto que fale completamente diferente dos cidadãos, e estes fazem graça imitando o falar matuto a ponto de integrar alguns modos de expressões no cotidiano, na comunicação com os mais próximos, que reconhecem o código linguístico, também não exclusivo de uma região ou cidade. Há sim o uso mais intenso de algumas características de falares em determinadas regiões. Os meios de comunicação, especialmente a telenovela, têm divulgado falares diversos dos matutos nordestinos, ou não, do Brasil através do mundo.

**Palavras-chave:** Tradução matuta, Menandro, *Dyscolos*, *Enfezado*, Comédia grega

**ABSTRACT:** *Menander's Dyscolos is the only complete comedy that came to us from the new Greek comedy, obtained the first prize in the contest of the Leneias of 317/316 BC. In Naea or new comedy disappear some primordial characteristics of the old comedy: the choir is no longer one character, only presents dances and sings in the entreats; Political satire is replaced by a more indirect but deeper social critique of class differences; And the obscene, which was very present in the old comedy and in the other rituals of fertility, is concealed by the appearance of romantic love. Such comedy is considered closer to the theater of Euripides, the tragedy of innovations, than of the old comedy of Aristophanes. Roman comedographers will follow the style of Naea, the new comedy. "Enfezado" is a possible translation for the title of the play, Dyscolos, which deals even with an extremely grumpy man. The comedy is set in the demos or village of Filo, near Athens, in the countryside. The solution of the intrigue will be through the intercession of Týkhe, Chance, so much used by Euripides in his tragedies, replacing the old Moira, Destino, of Aeschylus. The study and literal translation of the*

*piece under analysis, later transformed into versions of several styles, will provide a greater understanding of the New Comedy and the historical context that originated it, observing in it the continuity and the break with the Old Comedy, and the adoption of traits Of Euripides' tragedy. In this communication we will present the translation in rural style in Ceará, in harmony with the characters from the field of Menandro's play. The translation into Portuguese of the Menanders's Dyscolos de Menandro, in several styles: rural language, prose, with rhyme, in white verses, among others, provides greater familiarity with the linguistic and cultural aspects of the original Greek text. The translation is a more in-depth reading of a text, and several translations in various styles will correspond to more effective readings for greater familiarity with the language and culture of ancient Greece. We present part of the literal translation erudite made by a member of the Study Group of the New Comedy or Néa - GENEÁ, and the matuta Ceará translation of the same excerpt made by PIBIC - CNPq scholarship, for comparison of the understanding of the piece. We leave some words unchanged, so that they can be understood better, since there is no more matuto that speaks completely different from the city people, and these make grace imitating the matuto speech to the point of integrating some modes of expressions in the daily, in the communication with the most near the linguistic code, also not exclusive to a region or city. There is rather the more intense use of some characteristics of speaking in certain regions. The mass media, especially the telenovela, have been divulging diverse discourses of matutos northeastern, or not, of Brazil across the world.*

**Keywords:** Rural translation, Menander, Dyscolos, “Enfezado”, Greek Comedy

## INTRODUÇÃO

*Dyscolos* de Menandro (342/1 a.C. a 292/1 a.C), única peça completa que nos chegou desse comediógrafo, obteve o primeiro prêmio no concurso das Leneias de 317/316 a.C. Da comédia nova só restavam fragmentos, os principais de comédias de Menandro: *A Arbitragem*, *A moça de Samos*, *A moça de cabelos cortados* e o *Herói*, descobertos em 1905, por G. Lefebvre, em papiros egípcios. Apenas em 1959 *Dyscolos* foi descoberta, conservada num papiro escrito no século III d.C. Publicada por Victor Martin (Papyrus Bodmer IV. Menandre: *Le Dyscolos*. Cologny-Genève, Biblioteca Bodmeriana). Com a derrota de Atenas na guerra do Peloponeso e, depois, o domínio macedônico imposto à Grécia, os ideais patrióticos e políticos vão se apagando, os atenienses se voltam para a família e o indivíduo, a comédia nova de Menandro será a melhor representante da sociedade do final do século IV a. C. Desaparecem algumas características primordiais da comédia antiga: o coro não é mais uma personagem, só apresenta danças e canta nos entreatos; a sátira política é substituída por uma crítica social mais indireta, porém mais profunda, no que diz respeito às diferenças de classe; e o obsceno, que se fazia muito presente na comédia antiga e nos demais rituais de fertilidade, é dissimulado pelo aparecimento do amor romântico. Tal comédia parece mais próxima do teatro de Eurípides, o tragediógrafo das inovações, do que da comédia antiga de Aristófanes. Os comediógrafos romanos seguirão o estilo da Néa, a comédia nova. *Enfezado*, uma tradução possível para o título da peça, que trata mesmo de um homem extremamente mal humorado, teve um título alternativo: *Misanthropo*.

A comédia é ambientada no demos ou aldeia de File, nas proximidades de Atenas, na zona rural. Pã recita um prólogo bem ao gosto de Eurípides, onde nos informa o nome do lugar, os hábitos da população de agricultores, e apresenta o cenário: sua gruta e a casa do mal-humorado Cnêmon. Conta-nos que o enfezado não quer conversa com ninguém, cumprimenta-o à força por ser seu vizinho, mas que, apesar do mau gênio, ainda se casou com uma mulher viúva, que já tinha um filho do primeiro casamento, e com ele teve uma filha. Porém, por causa mesmo do gênio do homem, brigavam tanto que a situação ficou insuportável, a ponto de a mulher voltar a viver com o filho já crescido, de muito bom caráter, Górgias, que tem um pequenino terreno, com o qual sustenta a mãe e um escravo deixado

pelo pai. O Enfezado mora com a filha e com uma velha criada. A moça, pela criação que teve, tornou-se uma pessoa sem maldade alguma, e cultua muito assiduamente Pã e suas Ninfas, coroando seus altares alegremente. O deus, então, recompensando-a, faz apaixonar-se por ela um rapaz rico da cidade, que apareceu por ali para caçar junto com um amigo, e foi desviado, pelo deus, do caminho da caça para a visão da jovem. O enredo está armado, a seguir veremos as tentativas do moço rico, Sóstrato, para falar com o terrível pai da moça. A mãe do rapaz sonha que Pã obriga seu filho a vestir-se como um agricultor e a trabalhar a terra, e isso acontece mesmo por conselho de Górgias. Ele adverte o moço a aparecer como um homem humilde e trabalhador diante do futuro sogro, uma vez que, com um jovem rico, o velho nem conversaria. Por causa do sonho terrível a mulher resolve oferecer um sacrifício à divindade na gruta vizinha à casa do misantropo. Veremos, dessa forma, os escravos da mulher também indo à casa de Cnêmon, com a intenção de pedirem um caldeirão emprestado para o sacrifício. Serão essas idas e vindas dos escravos somadas às de Sóstrato até a casa do mal-humorado que, principalmente, causarão o riso nesta comédia. O coro apresenta-se em forma de devotos de Pã, que chegam embriagados, mas não se pronunciam na peça, pois talvez só dancem e cantem celebrando Pã e Dioniso, padroeiro do Teatro. A solução da intriga se dará pela intercessão de *Týkhe*, o Acaso, tão utilizada por Eurípides em suas tragédias, substituindo as velhas Moiras, Destinos, de Ésquilo. O velho rabugento cai em um poço e precisa ser salvo pelo enteado e o futuro genro. Reconhece, então, a impossibilidade de viver completamente isolado das outras pessoas, por achar que ninguém mais age sem interesse próprio. Mas, tendo em Górgias a comprovação da existência de um homem bom, concede a ele a guarda da filha, para arranjar-lhe um casamento, além de confiar-lhe seus bens para que os reparta em partes iguais entre o dote da moça e ele próprio. Por fim, Górgias também se casará com a irmã de Sóstrato.

O estudo e tradução literal da peça em análise, transformada depois em versões de diversos estilos, proporcionará uma maior compreensão da Comédia Nova e do contexto histórico que a originou, observando nela a continuidade e o rompimento com a Comédia Antiga, e a adoção de traços da Tragédia de Eurípides.

Apresentamos parte da tradução literal erudita feita por um integrante do Grupo de Estudos da Comédia Nova ou Néa – GENEAL - e a tradução matuta cearense do mesmo trecho feita pela bolsista PIBIC, coautora desta comunicação, para comparação do entendimento da peça.

Menandro: *Dyscolos* versos 153-230

Tradução literal erudita x Tradução cearense matuta

CNÊMOM (tradução literal erudita)

Não era feliz aquele Perseu segundo

as duas maneiras, quer porque tornou-se apto a voar  
e com nenhum dos que andam em terra se encontrava? 155

quer porque essa coisa fora adquirida, com a qual  
transformava [em] pedras todos que [o] perturba(va)m? Oxalá  
me sucedesse isso agora! Pois nada poderia ser mais  
abundante que estátuas humanas de pedra por toda parte.

Mas agora não há vida suportável, por Asclépio. 160

Neste momento, invadem a [minha] propriedade fazendo barulho.

Por Zeus, pois, ao longo do caminho, tenho me habituado  
gastar o tempo; eu que nem trabalho

essa porção da propriedade, mas tenho fugido

por causa dos que se aproximam. Mas agora pelas colinas acima 165  
[me] perseguem; que quantidade de pessoas!

Ai de mim; de novo um desses diante das nossas portas  
pôs-se de pé.

CNEMÃO (tradução em cearense matuto)  
Cagado de sorte era o tal do Perseu, duas veiz,  
pois como um passarim pudia avoá  
e num tinha precisão de vê esses mundiças? 155  
E ainda pur cima tinha um petrificadô,  
que fazia esses égua tudim virá pedra? Oxe,  
queria uma coisa arretada dessa! Pois teria uma ruma  
de pedra aqui no quintal.  
Mas agora num tenho mais sussego, por Asclépio! 160  
Agora, entram no meu terreno fazeno zuada.  
Por Zeus, num fico à toa no mei da rua não e nem traibao  
mais nessa parte do terreno, pra num vê mais gente  
que fica arrudiano. Mas eles se atrepam morro acima 165  
pra ficarem me aperriano.  
Ai de mim, lái vem o outro bateno na porta.

A tradução matuta cearense dos camponeses de Menandro nos permite estabelecer um diálogo mais aproximado com a comédia de Aristófanes, pois já traduzimos os camponeses aristofânicos como matutos cearenses em duas peças: *Acarnenses* e *Paz*.

A tradução para o cearensês da comédia *Acarnenses* de Aristófanes, encenada em 425 a.C., em Atenas, não se caracteriza como etnocêntrica, ou seja, a que, “fundada sobre a primazia do sentido, [...] considera implicitamente ou não sua língua como um ser intocável e superior, que o ato de traduzir não poderia perturbar” (BERMAN, 2013, p. 45), pois ela 1) procura ser fiel na aproximação ao original grego: pela manutenção exata dos versos e da primeira palavra de cada linha; pela permanência dos termos históricos ou característicos da cultura grega, como: acarnenses, “cidadãos do povoado ou demo ateniense de Acarnes”; Teoro, Sitalques, Nicarco, Sicofanta, que é o delator do mercado; Canéfora, que é a carregadora do cesto de oferendas, entre outros. A exceção é o nome próprio Lâmaco (*mákhe*, “combate”; *La*, “prefixo enfático), que se torna “Batalhão”, militar ateniense, que tem o sentido muito relevante para a peça, pois representa a própria guerra e é o principal antagonista de Justinópolis; 2) pela tradução dos nomes próprios, com relevância semântica para o enredo da peça, através da aproximação sonora dos termos originais, por exemplo, Dikaiópolis (*dikaios*, “justo”; pólis, “cidade”) é Justinópolis (Comparar a Florianópolis), que nomeia o protagonista de *Acarnenses*, o cidadão justo ou a cidade justa; Anfiteos (*amphí*, “de um lado e do outro, ao redor”; *theós*, “deus”) é Ambídeus, o único que pode promover as tréguas entre atenienses e espartanos; Pseudártabas (*pseûdos*, “falso”; *artábe*, “medida persa”) é Falsidâmetro, enviado do rei persa que acaba por revelar todo o engano das embaixadas atenienses a seu país; 3) pelas notas que referenciam e explicam as opções de tradução: “Aí eles todos gritavam: “Ó seu mundiça grande” (ὦ μιαιώτατε, *Ó miarótate*, ó impuríssimo); 4) e, especialmente, pela intenção explícita de aproximar as festividades juninas do Nordeste brasileiro às Dionísias Rurais da Grécia antiga pelo reconhecimento dos traços estruturais comuns, por serem rituais agrários de fertilidade e manifestações espetaculares, através da tradução da comédia *Acarnenses* de Aristófanes, do texto original grego de 425 a. C. para o falar matuto cearense, reconhecendo a forte inspiração da Musa da comédia na cultura cearense.

## O CEARENSÊS DA TRADUÇÃO DE *ACARNENSES*

O falar matuto cearense da nossa tradução da peça aristofânica consiste, em linhas gerais: no uso de apenas uma marca do plural (os prítane), “tu” com o verbo na terceira pessoa (tu vai), na queda dos erres finais e substituição por acento na vogal anterior (aceitá, embaixadô); o mesmo procedimento vale para as terminações em -ou (falô), há a eliminação da sílaba inicial do verbo está (tô, tá), repetições de não, mudando a primeira forma (tu num tá vendo não), “home” por homem, o “lh” por “i” (muié por mulher, aio por alho), uso do diminutivo, substituindo -inho por -in (desse tamanhin), “pra”, “pros, pras” em vez de “para”, “para os” e “para as”, uso das interjeições características (oxente! Arre égua! Vixe!), ênfases (euzin aqui ó, abestaiadin, vô é batê na porta), “mermo” por “mesmo”, a queda do “l” final de algumas palavras (miserave por miserável, terrive por terrível), entonações características (Pense numa sacudida grande!). As alterações ou criações têm intuito expressivo, são intensificadores do sentido. Algumas palavras foram deixadas sem alteração, para que se façam entender melhor, já que não há mais matuto que fale completamente diferente dos cidadãos, e estes fazem graça imitando o falar matuto a ponto de integrar alguns modos de expressões no cotidiano, na comunicação com os mais próximos, que reconhecem o código linguístico, também não exclusivo de uma região ou cidade. Há, certamente, o uso mais intenso de algumas características de falares em determinadas regiões. Os meios de comunicação, especialmente a telenovela, têm divulgado falares diversos dos matutos, nordestinos ou não, do Brasil através do mundo.

De acordo com Maria de Fátima Silva, no prefácio de Dioniso matuto (POMPEU, 2014):

A língua, à partida uma barreira para uma comunhão plena de sentimentos e de experiências, pode ajustar-se com a busca de palavras que, sentidas como naturais e profundamente enraizadas em um determinado contexto cultural dos nossos dias, deem réplica ao que o velho grego clássico exprimia. E quanto prazer não resulta de traduzir, em tom que o nosso universo sente como seu, os tons com que os atenienses do passado vibraram perante a criatividade de um dos seus melhores poetas!

## PERSONAGENS MATUTAS DE *ACARNENSES*

O protagonista de *Acarnenses* é Diceópolis (traduzido por Justinópolis), que vem do campo e se sente deslocado na cidade (130-133):

JUSTINÓPOLIS

Tu, toma aí estas oito dracma e pra mim  
faz trégua cum’s lacedemônio, só pra mim  
e pros meus fio e pra minha muié.  
Vocês aí toca a invia imbaixadô e ficá de boca aberta.

O coro de *Acarnenses* representa os camponeses do povoado ateniense de Acarnes e entra na orquestra de forma violenta, querendo matar o homem que fez tréguas com os peloponésios (204-218):

CORO

Por aqui vocês tudin, cace o home e pergunte por ele  
pra todo passante; é pro bem da cidade

prendê esse home. Mas me aponte,  
se alguém subé em que lugá da terra se meteu o carregadô de trégua.  
iscapô, sumiu, pegô a estrada. Ai coitado de mim  
por mode minha idade!  
Num era na minha mocidade, quando eu c'uma carga de calvão  
pudia acompanhá o Faulo, na carrêra, assim facin que este  
Carrega-trégua, agora caçado por mim,  
Ia iscapá nem ia por ligêro que fosse dá no pé.

Dercetes de File (traduzido por Vercertin da Tribo; Dercetes, do verbo *dérkomai*, “olhar bem”; Filásio, do demo ou povoado de nome File, de *Phýle*, “tribo”), é um agricultor que está representando todas as tribos de Atenas. Ele pede um pouco de paz a Justinópolis, para reaver sua junta de bois (1018-1021):

VERCERTIN  
Ai como sô infeliz!  
JUSTINÓPOLIS  
Oxente! Quem é esse aí?  
VERCERTIN  
Um desgraçado.  
JUSTINÓPOLIS  
Então te vira sozin!  
VERCERTIN  
Ó meu amigo, é que só tu tem trégua,  
Mede aí pra mim um tiquin de paz, inté de cinco ano.

Ao megarense foi atribuído um falar mais matuto ainda, por representar a “comédia megarense”, considerada uma fase mais rústica do gênero cômico, mas com acento à fala do homem do campo ou do caipira de outras regiões brasileiras (736-745):

MEGARENSE  
E eu meimo digo tumbém. Mar quem é burro axim  
prá cumprá rocêis um prijuízo vizíve?  
Mar tenho meimo um artífiço megárico;  
bacurinhas rô dizê qui trago disfaçando rocêis.  
Bot'ái nus péis us casco de bacurinha.  
Pra qui pareça qui rocêis é fía duma boa poica;  
pru mode qui, pur Heimes, se vortá pra casa  
num seno vindida, rão paxá uma fome medonha.  
Mar bot'ái na cara tumbém exes fuxinzin,  
e dispois intr'aquí dentro dexe saco.

Igualmente foi feito ao falar caipira do beócio, com características diferenciadas do megarense, pois no grego de Aristófanes há acentos diversos para os dois por não serem atenienses e falarem outros dialetos (867-871):

BEÓCIO  
Por Iolau, obrigadio mermo, ó istrangêro!  
Lá de Tebas qui tão soprando atrás de mim,  
as flô dos poejio sacudiro foi no chão.  
Mar si tu quisé algo, compra aí do qui eu trago,  
Estes passarín ô estes gafanhotio.

## OS CITADINOS

Manteve-se a fala normal ou culta para as personagens mais cidadinas, como Eurípides e seu servo, o Arauto (Locutor), Lâmaco (Batalhão), outro servo de Lâmaco, que fará o papel de um mensageiro da tragédia, e as falas dos sicofantas (delatores/fiscais do mercado).

Também não foram alterados de um modo geral os nomes próprios de lugares ou pessoas ou ainda nomes que identifiquem traços característicos da cultura grega.

Na casa de Eurípides (395-406):

JUSTINÓPOLIS

Moço, ó moço.

SERVO DE EURÍPIDES

Quem é?

JUSTINÓPOLIS

Eurípides tá em casa?

SERVO DE EURÍPIDES

Não está e está em casa, se é que me entendes.

JUSTINÓPOLIS

Como tá em casa e num tá?

SERVO DE EURÍPIDES

Correto, ó velho.

A mente está fora recolhendo versinhos

e não está em casa, mas ele está e de pés para o alto compõe uma tragédia.

JUSTINÓPOLIS

Ó sortudo Eurípides,

que iscravo ele tem isperto nas resposta.

Chama ele.

SERVO DE EURÍPIDES

Mas é impossível.

JUSTINÓPOLIS

Mermo assim;

pois num vô mimbora, vô é batê na porta.

Eurípides, Eurípidezim!

Me ouve, se alguma vez tu ôviu um home.

Justinópolis de Colides te chama, eu.

EURÍPIDES

Não tenho tempo.

## O BÁRBARO

O bárbaro dúbio parece revelar a Justinópolis a verdadeira enrolação dos embaixadores, por não concordar exatamente com as afirmações destes, apesar de não falar grego (91-109):

EMBAIXADOR

E agora com o Falsidâmetro,  
o Olho do Rei, nós chegamos.

JUSTINÓPOLIS

Ah se um urubu arrancasse esse oio aí cum bicada, e também o teu, imbaixadô.

LOCUTOR

O Olho do Rei!

JUSTINÓPOLIS [falando a Falsidâmetro]

Ó sinhô Héracles,

pelos deus tudin, home, tu óia cum oião de navi de guerra.

Será que tu ispia o istalêro, quando inda tá dobrano um cabo?

E tu tem aí imbaxo uma corrêa de remo arrudiano o oio?

EMBAIXADOR

Avia, homem, diz logo o que o rei mandou

tu dizer pros atenienses, ó Falsidâmetro.

FALSIDÂMETRO

IartamaneXarxasapiaonasatra.

EMBAIXADOR

Tu aí entendeste o que ele tá dizendo?

JUSTINÓPOLIS

Pelo deus que me alumia! Eu não.

EMBAIXADOR

Ele tá dizendo que o Rei envia ouro pra nós.

Fala, agora, bem direitin sobre o ouro.

FALSIDÂMETRO

Não receber ôro, os cu foló de Iona.

JUSTINÓPOLIS

Ai coitado de mim, tá claro é demais.

EMBAIXADOR

O que é que ele tá dizendo agora?

JUSTINÓPOLIS

O quê? Tá dizeno que os jônio são uns cu foló,

se tão isperano ôro dos bárbaro.

EMBAIXADOR

Não, ao contrário, ele tá falando é dos quilos de ouro.

JUSTINÓPOLIS

Que quilo o quê? Tu é um grande inrolão.

## A PAZ

Fazemos um estudo comparativo entre a paz particular de Diceópolis, defendida numa “trigédia”, ‘canto ao vinho novo’ ou ‘comédia’ e a de Trigeu, ‘o vindimador’, que resgata a deusa Paz, na peça homônima, para todos os gregos. Estabelecemos uma equiparação dos rituais dionisiacos agrários com as festas juninas do nordeste brasileiro, pelo reconhecimento dos seus traços estruturais comuns, na forma de festivais agrários de fertilidade e manifestações espetaculares. A concretização da pesquisa será feita pela tradução da comédia Paz de Aristófanes, do texto original grego de 421 a. C., com a versão matuta cearense dos camponeses aristofânicos, em consonância com a leitura e tradução de *Acarnenses*, de 425 a.C., já estabelecidas por nós, no reconhecimento da forte inspiração da Musa da comédia na cultura cearense.

A primeira parte de Paz, em que a Guerra reina no lugar dos deuses olímpicos, é caracterizada por alimentos impróprios e malcheirosos: o escaravelho é um besouro que come fezes, Pólemos, a Guerra, prepara uma mistura de todas as cidades gregas, a serem trituradas em um pilão. Depois que a deusa Paz é libertada, todos os alimentos são agradáveis assim como os cheiros. O escaravelho inverte sua situação, pois passa a puxar o carro de Zeus e a



comer a ambrosia de Ganimedes (722-4), da mesma forma que a situação da Grécia, que era dominada pela guerra, vista como sinônimo de morte, passa a ser de alegrias da bebida, da comida, da fartura no campo, do sexo, enfim, da vida. Trigueu vai à morada dos deuses, liberta a deusa Paz e se casa com a deusa Opora, que preside às colheitas, trazendo de volta a fertilidade dos campos. A união com uma divindade representa a recompensa dos méritos de um mortal. Como Trigueu é o porta-voz do poeta, podemos dizer que Aristófanes, mesmo com o repertório sexual e escatológico da comédia, pode ser sublime ao buscar o bem para a cidade, a paz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhor conhecimento da época da comédia nova, nas mudanças sociais e políticas de Atenas após a derrota da Guerra do Peloponeso e a perda da autonomia grega para a Macedônia, trará a contextualização necessária para uma compreensão maior do texto e atualizará o riso ainda que comedido, em consonância com a realidade política e social da Grécia do século IV a.C. Com a derrota de Atenas na guerra do Peloponeso e, depois, o domínio macedônico imposto à Grécia, os ideais patrióticos e políticos vão se apagando, os atenienses se voltam para a família e o indivíduo, a comédia nova de Menandro será a melhor representante da sociedade do final do século IV a. C.

Distinguir as características peculiares da comédia nova em comparação com as da comédia antiga permite o reconhecimento do cômico analisado pelos filósofos da poética clássica grega, que o identificam com o feio ou torpe indolor ou pueril. Certamente haverá níveis diferentes de graça, uma vez que na comédia antiga a gargalhada era comum, enquanto, na nova, há o riso mais comedido. Desaparecem algumas características primordiais da comédia antiga: o coro não é mais uma personagem, só apresenta danças e canta nos entreatos; a sátira política é substituída por uma crítica social mais indireta, porém mais profunda, no que diz respeito às diferenças de classe; e o obsceno, que se fazia muito presente na comédia antiga e nos demais rituais de fertilidade, é dissimulado pelo aparecimento do amor romântico. Tal comédia é considerada mais próxima do teatro de Eurípides, o tragediógrafo das inovações, do que da comédia antiga de Aristófanes. Os comediógrafos romanos seguirão o estilo da Néa, a comédia nova. E a tradução matuta dos camponeses de Menandro estabelece uma comparação com os camponeses de Aristófanes já traduzidos por nós como matutos cearenses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓFANES. **Os acarnenses**. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

MENANDER. **Dyscolos**. Edited and translated by W.G. Arnott, Harvard University Press, 1997 (first published 1979). V.1 (Aspis to Epitrepontes).

MÉNANDRE. **Le dyscolos**. Texte établi et traduit par Jean-Marie Jacque. 2<sup>a</sup> ed. Paris, Les Belles Lettres, 1976.

MENANDRO. **O díscolos**. Pref., advert., introd., trad. E notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Coimbra. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1976.

POMPEU, Ana Maria César. **Dioniso matuto: uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês**. Curitiba: Appris, 2014.

SCHELL, Denis Germano **O dyscolos: a comédia e a festa**. Tese de doutorado FFLCH-USP, 1990.